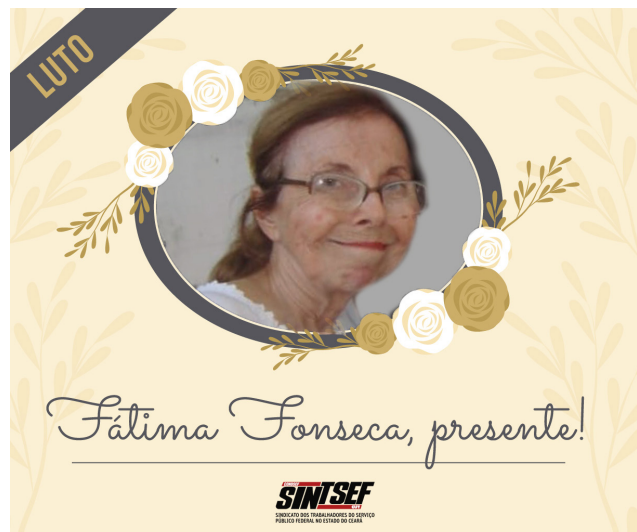




Para saber mais acesse
 as nossas mídias sociais!

Mais notícias em: www.sintsefceara.org.br | Para receber envie email: imprensasintsef@gmail.com | Ano VII - Nº 2050 05/01/2021

O último adeus a Fátima Fonseca



Faleceu, na noite do último domingo (3), a assistente social e servidora aposentada do Inca Fátima Elizabeth Ferreira da Fonsêca, 78. Nascida em Quixadá (CE), era a mais velha de 11 filhos do casal Manoel Rodrigues da Fonsêca e Maria Rocilda Ferreira da Fonsêca. Além dela, oito chegaram à fase adulta: José Luciano (falecido em 2002), Manoel Fonsêca Neto, Lúcia Helena, Plácida Regina, Rosa Maria, Teresa Cristina, Maria Imaculada e Isabel Cristina.

O velório, que ocorreu na tarde de segunda-feira (05) no cemitério Parque da Paz, foi restrito a familiares e sem aglomerações. Na ocasião, foi realizada uma homenagem com cantoria de músicas das quais ela gostava.

Formada em Serviço Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC) no final dos anos 1960, Fatinha, como era chamada e conhecida, cedo iniciou sua militância no movimento estudantil, fazendo oposição à ditadura militar e ajudando a organizar diversos movimentos sociais.

Em 1974, grávida, com sete meses de gestação do primeiro filho, foi presa em Recife (PE). Ela foi mantida em cárcere clandestino por mais de trinta dias, quando foi brutalmente torturada pelos aparelhos da ditadura militar. Seu irmão Fonsêca e sua cunhada Iracema Serra Azul, além de outros militantes cearenses, também foram levados para o mesmo local de tortura.

Depois de ser solta, voltou à sua residência para buscar ajuda de vizinhos, sendo perseguida por agentes da repressão. O seu companheiro, Geová Maciel de Alencar, tinha conseguido fugir, e ela desconhecia o paradeiro dele. Depois, Fátima conseguiu chegar a Quixadá, onde seu pai e sua mãe ainda residiam, para dar à luz seu primeiro filho, Manoel Carlos.

Em seguida, temendo nova investida da ditadura, fugiu para o município de Alto Garça (MT), onde teve mais três filhos: Rocilda, Helenira e Geová. Lá também reencontrou o seu companheiro e permaneceu na clandestinidade até que pudesse retornar ao estado natal sem ser perseguida, ameaçada, presa e torturada. No final de 1978, foi absolvida de um processo ilegal a que teve de responder por se opor à ditadura.

“Apesar do sofrimento, um sentimento profundo me alertava e me encorajava: a de que estávamos lutando uma luta justa contra a opressão, o medo, as desigualdades”, disse ela em relato à Comissão da Anistia de Pernambuco, no processo em que o Estado reconheceu os danos morais e psicológicos causados pela prisão e tortura sofridas.

Nos anos 1980, ao retornar a Fortaleza, Fátima trabalhou no setor da saúde e depois foi concursada no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Inca), no qual fez muitos amigos e se tornou uma referência para colegas e militantes da luta pela terra.

Para familiares, amigos, colegas e militantes por direitos que a conheceram, Fatinha deixa um legado inconfundível: destemida do seu jeito singular, era comprometida com a luta por justiça e combatia o bom combate por uma vida nova; de uma alteridade, empatia e carisma inescapáveis, encantava com sua solidariedade, desprendimento e compromisso, que encontravam eco por onde passava, carregando a todas e todos pelo exemplo; e seu envolvimento afetivo com familiares, amigas (os), companheiros (as) e colegas demonstrava o ser luminoso que era, espalhando boas e contagiantes energias.

Fátima Fonseca, presente!